

Canção de Guerra

Victor Maduro

Esta é uma canção de guerra, a última de nossa tribo. Coragem, honra e glória à nossa mãe Laodicéia. Que sua graça e sabedoria nos seja concedida, que a mente não se turbe ao relato, que a mentira não contamine o cerne de nossa mensagem, e que o som de nossa última canção ecoe no ouvido de nossos filhos, e dos filhos dos nossos filhos, e dos filhos destes. Não peço por mais gerações porque sei que até lá, nossa raça sagrada já estará extinta. Que nossos irmãos e filhos vivam em paz e dignidade, e que aprendam com a experiência de um guerreiro de grande valor e orgulho a não confiar em forasteiros que não *sentem*, e a nunca desistir mesmo diante das maiores montanhas.

Chuvas torrenciais, com rajadas de vento que até arrancavam as raízes de nossas irmãs árvores varriam aquela noite quando o sacerdote de nossa aldeia requisitou solução. *Eles* vinham de terras distantes, e eram muito diferentes em aparência e jeito. Aos pés de nossas fronteiras clamaram por ajuda urgente, e por isso oferecemos abrigo. Não deixamos de notar, assim que entraram em nossos domínios, que não passavam de animais fedorentos que rosnavam e grunhiam enfiados dentro de metal para proteger sua pele frágil. Apesar de toda a inteligência concedida por nossa deusa, não conseguia entender os seus rosnados, e se não fosse nosso sacerdote que *sente* melhor que eu, não teria havido comunicação.

Contaram-nos que suas terras estavam desgraçadas, e que morte e destruição reinavam em seus lares. Fome e peste cresciam em abundância, e estariam condenados se dali não voltassem com socorro. A causa de tantos males era um monstro do qual não ousavam falar o nome, mas cuja mera presença era tão poderosa e horrível que paralisava, ou mesmo matava de terror qualquer indivíduo de sua raça covarde. Foi ali que começaram a envenenar nossos ouvidos com mentiras, e relataram não saber o motivo pelo qual o monstro os assaltava. Ajoelhados e se humilhando, prantearam desonradamente sobre nosso solo, clamando por algum auxílio. Só a nossa magnífica raça poderia enfrentar o demônio, e salvá-los da extinção. Tolo fui eu, Adohr Kwak'arain, o "machado sagrado", vencedor de duzentos e doze duelos, eleito o "mensageiro de Laodicéia" entre as Nove Tribos, líder por prósperos oitenta anos, quando aceitei o fardo.

De escárnio ou desespero, riram quando nosso sacerdote revelou que eu seria todo o auxílio que teriam. Fui obrigado a impor respeito, saltei na frente do que parecia ser o líder deles, bati com orgulho e valentia no peito, soltei meu grito mais poderoso, e atingi o solo com Rafindor o meu machado encantado, entregue pelas próprias mãos de nossa divina mãe. Quando a lama do solo atingiu-lhes o rosto *eles* se calaram, e se aquietaram, amedrontados.

Com carinho despedi de esposa e filhos, deixei o comando da aldeia com o sacerdote, e ajoelhado e reverente pedi todas as bênçãos e glórias à nossa mãe. *Eles* não queriam sair de ímpeto, mas como me viram marchar para fora de nossos domínios sozinho, decidiram me seguir. Mesmo com a chuva intensa, a umidade e o barulho atrapalhando os sentidos, toquei o solo e o cheirei para *sentir* melhor. Estava lá; um rastro no solo trazido provavelmente pelos nojentos pés *deles*, maligno, vil, cheio de desprezo e fúria, sem dúvidas era do demônio. Às minhas costas pude ouvir os murmúrios e as risadas desrespeitosas, debochavam e ridicularizavam o meu *sentir*, porém, humilde, não revidei.

Longos foram os dias que me distanciaram do monstro, e não pela dificuldade do trajeto, mas sim pela má companhia. Zombaram quando decidi tomar rumo pelo "pântano negro", fugindo de um encontro com uma horda de orcs enfurecidos. Reclamaram quando subimos ao redor da encosta do Danúbio, mesmo que tivéssemos poupado um dia e meio de viagem. Sistemáticamente demonstraram escárnio e desrespeito aos costumes sagrados de orar aos

irmãos animais que deixaram esse mundo, e repudiaram o banho de lama e folhas, desconhecendo o poder de disfarçar odores. Pecado maior não deixaria de confessar: sem nenhuma preocupação com a vida de nossas irmãs árvores, todas as noites *elas* acendiam uma fogueira sobre seus troncos. Ao invés de se utilizarem apenas de gravetos mortos, *elas* faziam questão de derrubar alguma de nossas irmãs virgens, e ainda se divertiam enquanto elas gemiam de dor e lentamente pereciam em cinzas. Permaneci quieto e atento, e para manter a honra perante a nossa mãe, novamente, não revidei. O arrependimento, hoje, me atormenta o espírito; antes tivesse acabado com tudo logo ali. Finalmente, ao cabo de quase dois meses de árdua jornada, o destino se fez presente; repetindo o ritual diário, abaixei e toquei o solo, e pude *sentir* mais uma vez aquela aura vil e demoníaca. Dessa vez, contudo, o *sentir* era insuportavelmente mais intenso, até mesmo nauseante, e assim eu soube que o monstro estaria logo após a colina ao norte.

Com uma comunicação complicada, tentei informar a raça traiçoeira de que o demônio estava próximo. Devido a sua própria agitação e por terem me seguido em posição de batalha, acredito que entenderam. Não elaborei plano meticuloso, apenas parti em disparada até o alto da colina acreditando que talvez se fosse rápido poderia surpreender o inimigo. Qual não foi, contudo, a minha maior surpresa em vida, quando descobri o que era na verdade aquela criatura de que tanto maldisseram.

Um deus. Sim, um deus em plena carne e sangue, do tamanho de uma montanha, a cabeça sem olhos ou narina e uma bocarra com tentáculos longos e dentes afiados. A pele era de um verde viscoso, brilhante, e dois braços longos se apoiavam no chão e ajudavam na locomoção como muletas, já que as pernas eram curtas e débeis.

Assim que atingimos o topo da colina, o deus, que estava de costas, percebeu a nossa presença, e virou-se, abrindo a bocarra e emitindo um silvo agudo e aterrorizante, enquanto seus tentáculos balançavam desordenadamente. Ao contrário daqueles indivíduos sórdidos e covardes que instantaneamente largaram as armas, prantearam, e rolaram no chão agonizantes, eu parti em disparada na direção do monstro, sacando Rafindor de minhas costas. Cruzei a distância de um tiro de flecha em alguns piscares de olhos, e quando estava próximo o suficiente, lancei sem hesitação Rafindor bem no meio da testa de meu inimigo.

O deus gemeu e se revirou de dor quando o machado o atingiu, contudo nem uma gota de sangue escorreu de sua testa, e logo ele retaliava avançando os tentáculos presos em sua boca em minha direção. Desviei o tronco de lado para me esquivar do primeiro, e abaixei para escapar do segundo, sendo obrigado a me atirar para frente e, de costas no chão, deslizei alguns metros a fim de desviar do terceiro tentáculo. Foi por pouco, mas um deles que acertou meu ombro de raspão, devido a sua velocidade e força, cortou mais do que navalha, e me fez entender que se tivesse sido atingido em cheio por qualquer um deles, já não estaria mais caminhando sobre esse mundo.

Habilmente me agarrei ao último tentáculo, e assim como havia previsto, o deus recolheu-os, erguendo meu corpo vários metros acima do solo. A meio caminho de sua boca saltei e me agarrei em seu flanco, e aquela última ação pareceu desorientar a criatura. O deus se revirou e cambaleou, e na ansiedade de me atingir acabou se desequilibrando. Ágeis foram os meus braços que se desprenderam do tronco, e poderosas foram minhas pernas que depois de chegar ao solo iniciaram uma cambalhota, evitando assim que o peso de toda aquela montanha de carne caísse sobre meu corpo. Tentei subir novamente na criatura, dessa vez na altura de seu peito, porém fui surpreendido por um de seus braços que me apanhou, e me ergueu novamente para o alto.

A criatura, nesse instante, emitiu mais uma vez um silvo agudo e com os dedos começou a comprimir o meu corpo. No princípio consegui compensar a força do monstro com a dos meus braços, porém, após alguns instantes ele provou que era um deus, e eu, um simples troll. Meu peito começou a ser esmagado, e o som de várias costelas se partindo penetraram em meus ouvidos. Gritei e urrei de dor, mas mesmo assim a criatura continuou a me comprimir. Foi a vez do

fôlego se esvaír, a vista escurecer, e os sentidos desnortear. O fim estava próximo, e infelizmente eu sabia muito bem disso. Não me restavam muito, a diferença de poder beirava o infinito. Desistir. Bendita Laodicéia, oh venerável Laodicéia, cujo seio gostaria de voltar a adormecer! Mãe querida e adorável, esteja pronta para receber o filho que tanto honrou Seu nome, e tudo fez para Sua glória.

Naquele instante final, um pequeno fio de pensamento, insistente, teimoso, teve início em um canto esquecido e ignorado de minha mente, e me importunou até que viesse a tona. Laodicéia. Honra. Honra e glória. Será que receberia toda Honra e glória ao chegar aos braços de nossa mãe, depois de ter desistido de uma contenda? Não, eu não podia desistir. Eu não queria desistir! Mesmo que o adversário se mostrasse infinitamente superior, mesmo que fosse um deus, mesmo que a derrota já se fizesse verdade, eu não desistiria! Não podia admitir outro destino que não a união com a nossa mãe.

Girando os olhos nas órbitas imprimi todas as forças que me restavam nos ombros, e destes para os braços, e finalmente nos antebraços e mãos. O rosto de Laodicéia, sorridente, inundou minha mente, e por um segundo cheguei a ouvir de sua boca: “estás abençoado agora!”. Meus músculos tremiam, o rosto suave, uma dor excruciante varria todo o meu corpo. Cada segmento de pele, cada fio de pêlo, cada músculo e órgão se destinava exclusivamente a enviar a maior quantidade de energia aos meus membros superiores, e por incrível que pareça, os braços se moveram. E moveram mais um pouco...

Tremendo e urrando de dor, consegui o que pareceria impossível. Além de abrir a mão do terrível deus, rasguei-a na junção do polegar com o indicador, derramando rios de sangue, e fazendo-o balançar e gritar enlouquecido de dor. Logo que caí em seu peito, sujo de um líquido negro e pútrido, subi em seu crânio, e antes que ele tivesse tempo de reagir, arranquei Rafindor, e comecei a atingi-lo repetidamente em sua testa. O sangue escuro e podre jorrava abundante a cada golpe, formando uma grande poça ao redor da criatura. Eu era uma máquina desesperada, furiosa, sedenta, imparável. Mas parei. Assim que o deus não emitiu mais ruídos, e cessou de todo os movimentos, coloquei Rafindor nas costas, e desci da montanha de carne. O deus agora não passava de um boneco gigante, inerte e vazio.

Minha mente agora se enche de mágoa e dor à lembrança, e a boca hesita em contar. Aquela raça imunda e traiçoeira se aproximou de mim, e por Laodicéia acreditei que iriam me fornecer abrigo e cura, devido ao esgotamento. Ao contrário; atravessaram meu peito com duas enormes lanças, que se cruzaram na frente. Meus olhos arregalados indagavam o *porquê*, mas mesmo sem entender sua língua eu pude *sentir* as palavras. Não poderiam deixar alguém tão forte sobreviver. Não aceitavam uma raça com uma cultura diferente da sua, e superior em força, convivendo tão próximo.

De minha boca brotou o líquido vital, vermelho, e minhas pernas, contra a minha vontade, ajoelharam. *Eles riram*. Disseram bem devagar, para que eu pudesse entendê-los direito: *ho-mens*. *Homens!* O nome de sua raça maldita. Deixaram-me ali ajoelhado e sangrando, e quando meu coração parou de bater, abandonaram-me ao lado do deus morto. O sol se escondeu atrás das montanhas, e veio o frio da noite. Os estúpidos não eram só fracos no corpo, mas também na mente, e ignoraram o fato de que nossa raça sagrada apresenta uma regeneração acelerada. Mesmo que nosso coração pare de bater, os pulmões cessem de trabalhar, se tivermos oportunidade iremos nos recuperar. E ali fiquei parado um dia, dois ... No final da semana estava de pé, retirando o par de lanças cruzadas do meu peito, olhos furiosos, rosto sério. Enquanto o sol batia em minha frente, formando uma longa sombra às minhas costas, prestei um juramento à nossa mãe: nunca descansaria enquanto aquela raça desgraçada não pagasse pela traição. Preocupado com o destino de nossa aldeia, avancei o mais rápido que pude através dos pântanos, planícies e montanhas. Cruzei rios e matas, galguei vales, e logo estava em nosso lar. Graças a Laodicéia todos bem, mas assustados com a minha demora e ferimentos. Na verdade foram eles

que me surpreenderam com os relatos; os humanos estavam invadindo e atacando as tribos irmãs, pondo fogo nas florestas, arrancando nossas cabeças, assassinando as crianças.

Aqui finda o relato de Adohr Kwak'arain, o “machado sagrado”, agora também Daim Kumelik, “matador de deuses”. Mais uma vez firmo voz de desafio: não iremos abaixar nossas cabeças, não iremos fugir das contendidas, não desistiremos. Os homens por algum motivo cruel provocaram um deus, despejando uma ira divina contra toda sua raça, e além disso nos traíram da maneira mais sórdida e vil. Não importa estarmos em menor número, e não nos amedronta o lento e progressivo rumo à extinção. A guerra entre nossas raças caminha em sentido único porque mesmo que cada um de nós mate cem deles, por algum motivo sagrado, Laodicéia não nos deu uma reprodução tão fértil quanto a desses forasteiros malditos. Por isso, cada irmão que perdemos é um passo que damos em direção ao vazio. Mesmo assim, em nome de todo povo troll, lanço testemunho e fé de nossa coragem, honra, e glória. E peço novamente para que não confiem em forasteiros que não *sentem*, e além disso, que nunca abandonem o *sentir*. É a única coisa que nos separa de monstros.

Consulte www.alemdaterradogelo.com para mais informações.